

# IDENTIDADE E AUTENTICIDADE DOS LUGARES: O PENSAMENTO DE HEIDEGGER EM *PLACE AND PLACELESSNESS*, DE EDWARD RELPH<sup>1</sup>

Eduardo MARANDOLA JR.<sup>2</sup>

## Resumo

Qual o sentido de lugar na experiência contemporânea? É possível pensar em identidade dos lugares? Estas questões estão no centro dos questionamentos sobre as mudanças socioespaciais do mundo atual, polarizando as discussões em duas perspectivas: o sentido ideológico da construção de lugares e identidades e o sentido orgânico cultural estabelecido neles. *Place and placelessness*, de Edward Relph, enfrentou tal questão investigando em detalhe a constituição dos lugares, recorrendo à ideia de autenticidade para resolver a questão. Para isso partiu de concepções e ideias heideggerianas, deslocando a discussão para o campo ontológico. Este artigo tem um duplo objetivo: investigar o papel do pensamento de Heidegger na formulação fenomenológica de lugar, na obra de Relph, e ponderar a pertinência de tal perspectiva para pensar a identidade e autenticidade dos lugares na experiência contemporânea.

**Palavras-chave:** Lugar. Ser-no-mundo. Fenomenologia geográfica. Pensamento Geográfico.

## Abstract

### Identity and authenticity of places: Heidegger's thought in Edward Relph's *Place and Placelessness*

What is the sense of place in the contemporary experience? Is it possible to think about identity of places? This questions are at the center of discussions on socio-spatial changes of the current world, giving rise to two polarized perspectives: the ideological sense of construction of places and identities and the organic cultural sense established in them. Edward Relph's *Place and placelessness* faced this discussion by thoroughly investigating the constitution of places, using the idea of authenticity to solve the issue. Therefore he started from Heidegger's concepts and ideas, moving the discussion to the ontological field. This paper has a double purpose: to investigate the role of Heidegger's thought in Relph's phenomenological formulation of place, and to ponder the merits of this perspective in thinking about the identity and authenticity of places in the contemporary experience.

**Key words:** Place. Being-in-the-world. Geographical phenomenology. Geographical thought.

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste texto foi discutida no Espaço de Socialização de Coletivos "Perspectivas fenomenológicas da geosofia", durante o XVI Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Porto Alegre, Julho 2010. O artigo apresenta resultados parciais da pesquisa "Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: epistemologia, ontologia e metodologia", desenvolvido no Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM).

<sup>2</sup> Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - R. Pedro Zaccaria, 1300 - CEP 13484-350 - Limeira - São Paulo, Brasil. E-mail: eduardo.marandola@fca.unicamp.br

## INTRODUÇÃO

O papel dos lugares, de uma identidade primária ligada à proximidade, é questionado e problematizado na experiência contemporânea. Transformações nos padrões e sentidos da mobilidade, modificações na estrutura cognitiva, mediações cada vez mais poderosas e onipresentes, como a televisão, a internet e o cinema, teriam dado tamanho poder às imagens na construção da nossa relação imediata com o mundo que são alguns dos processos que questionam o papel do lugar enquanto mediador fundamental de nossa experiência.

Falar em autenticidade, neste contexto, soa como deslocado, já que a fluidez e as construções socioculturais produziram impactos tão profundos que nada conseguiria escapar de sua força de dissolução.

Há um forte debate em torno destas questões que coloca a ideia de identidade no centro. Esta, atacada pelos pós-estruturalistas (como Deleuze), recebe atenção primária nos estudos culturais (como em Stuart Hall), e ocupa, não há dúvida, papel de destaque nas discussões das últimas décadas, cujo "sucesso" da globalização pautou questões como diferença, minorias e promoveu novos localismos.

Neste contexto, a discussão sobre autenticidade se torna uma tentativa de selecionar o joio do trigo, num esforço de compreender processos identitários legítimos dos não legítimos. Neste campo, as posições também parecem estar claras: dos marxistas e pós-estruturalistas que admitem que toda tradição e identidade é inventada (HOBBSAWN; RANGER, 1984), e aqueles que buscam o sentido orgânico da vida social nos laços e tradições culturais (GEERTZ, 1989).

No entanto, há mais duas vertentes a se considerar. A perspectiva fenomenológica, em especial a da ontologia fundamental de Heidegger, e o sentido geográfico da construção dos lugares, entendidos como a menor célula espacial de envolvimento do ser-no-mundo. Estas foram articuladas em uma das obras clássicas da Geografia Humanista, *Place and placelessness* (Lugar e lugar-sem-lugaridade), de Edward Relph, que parte do pensamento de Heidegger para construir uma leitura sistemática dos processos de lugaridade e ausência-de-lugaridade, ou seja, de construção autêntica e inautêntica dos lugares.

O exame detido desta obra nos permite cumprir um duplo objetivo:

1. Problematizar a questão da identidade e autenticidade dos lugares no mundo contemporâneo, a partir de uma fenomenologia geográfica;
2. Aprofundar a compreensão da influência do pensamento de filósofos fenomenologistas na geografia humanista, e suas repercussões para o pensamento geográfico contemporâneo.

O argumento construído por Relph, contextualizado nas questões urbanas e sociais da América do Norte dos anos 1970, ainda produzem ecos no mundo atual, já que nosso modernismo urbano possui as mesmas bases. Por outro lado, o sentido heideggeriano de autenticidade, baseado em sua ontologia fundamental, perpassa as questões da experiência contemporânea, reverberando nas nossas possibilidades de compreensão do ser-no-mundo e suas implicações.

Início contextualizando a importância de *Place and placelessness* e o papel do pensamento fenomenológico na obra de Relph. A seguir retomo em dois itens separados a questão da identidade e da autenticidade dos lugares, analisando os argumentos de Relph a partir das ideias e conceitos da filosofia heideggeriana que lhe sustentam. No final, é possível retomar a questão principal sobre o papel do lugar na experiência contemporânea, agora no contexto ontológico do ser-no-mundo.

## LUGAR E FENOMENOLOGIA NA OBRA DE RELPH

Se lugar é a principal categoria ou essência que expressa as consequências e possibilidades da Geografia Humanista para o conjunto do pensamento geográfico, isso se deve muito à revisão que Edward Relph fez do termo, colocando-o no centro de uma investigação geográfica, o que provavelmente não havia sido feito até então. Sua tese, defendida na Universidade de Toronto (Canadá), em 1973, tinha como título *The phenomenon of place*, e é provavelmente a primeira dedicada a buscar fundamentos fenomenológicos para a Geografia. Relph fez isso pela ideia de **lugar**, entendendo-o como **fenômeno**.

Essa obra ganhou repercussão e papel basilar no pensamento humanista geográfico ao ser publicada como livro em 1976, com o instigante título *Place and placelessness*, como primeiro volume da série *Research in Planning and Design*, coordenada por Allen J. Scott. Junto com outros três livros publicados na mesma época, como *Topofilia* e *Espaço e lugar*, de Yi-Fu Tuan (TUAN, 1980; 1983), e a coletânea de artigos organizada por Anne Buttimer e David Seamon (resultado de trabalhos sob orientação da geógrafa irlandesa), *The human experience of Space and Place* (BUTTIMER; SEAMON, 1980), o livro de Relph ajudou a retirar o caráter funcionalista e positivista predominante até então no entendimento do lugar, inaugurando uma nova forma de pensá-lo na Geografia (ADAMS; HOELSCHER; TILL, 2001).

Outra contribuição fundamental do livro é a consistência e a densidade que Relph traz para o coletivo humanista em termos do entendimento e profundidade da abordagem fenomenológica (HOLZER, 1992). O livro é uma bem sucedida construção de uma perspectiva teórica e metodológica para pensar os lugares a partir da fenomenologia, integrando o horizonte das intervenções e do planejamento urbano com aquele da percepção do ambiente, entendida enquanto experiência do espaço.

Lugar é a essência fundamental que permite a Relph esta edificação teórica, sendo na busca do espaço existencial que ele encontra a fenomenologia e o próprio significado humanista de lugar. Ele busca a compreensão das transformações e das permanências (manutenção) dos lugares, o que o leva à problemática da própria constituição dos lugares (SEAMON, 1996). Sua preocupação toma a forma de dois outros livros nos anos posteriores: *Rational landscapes and humanistic geography* e *The modern urban landscape* (RELPH, 1981; 1987). A partir da paisagem moderna das cidades, tão atacada por sua monotonia de formas e pouca aderência à história ou ao restante da paisagem, Relph busca aprofundar a problemática do lugar em seus atributos essenciais, sociais e culturais, tendo sempre como pano de fundo a dimensão da experiência e da identidade dos lugares.

Esta, aliás, é uma das temáticas mais cadentes de *Place and placelessness*: a essência e a identidade do lugar. Para Relph, estas são as chaves para compreensão da construção dos lugares e para podermos compreendê-los. Para isso ele investiga em profundidade o fenômeno lugar, trazendo à luz as contribuições seminais de geógrafos no tema, que começaram a aparecer a partir dos anos 1950, como Sauer, Dardel, Luckerman, Lowenthal, Tuan, entre outros, e um conjunto de elementos teóricos e entendimentos provenientes da filosofia fenomenológica, como Husserl, Heidegger, Schutz, Bollnow, Bachelard, Merleau-Ponty, Norbert-Schulz e Kierkegaard. Dentre estes, Heidegger é sem dúvida um dos mais importantes, mostrando-se fundamental na formulação de várias ideias-chave do argumento de Relph (MARANDOLA JR., 2012a).

Entre estas, destacam-se a ideia de habitar (*dwelling*), que o ajudou a construir o sentido existencial de lugar, e o entendimento heideggeriano de identidade e diferença, o qual ofereceu a Relph uma base fenomenológica de compreensão da identidade dos lugares. A partir daí o autor pôde aprofundar e sustentar o binômio autenti-

cidade-inautenticidade, centrais para sua tese e entendimento da construção e da identidade dos lugares (MARANDOLA JR., 2012a).

Neste sentido, embora não seja apropriado chamar a obra de Relph de heideggeriana, é deste filósofo que o autor bebe para erigir uma de suas mais importantes noções: a identidade dos lugares (expressa pelas diferentes formas de envolvimento com o lugar, denominadas pelo autor de **exterioridade** e **interioridade**) e a ideia de autenticidade e inautenticidade dos lugares. Investigar o alcance desta influência ajuda-nos a entender melhor o papel de Heidegger para o humanismo em Geografia, de um lado, e os fundamentos e potencialidades contemporâneas de uma das mais importantes e frutíferas obras da Geografia Humanista, de outro.

## IDENTIDADE DOS LUGARES

Em sua busca pelos significados da experiência humana do lugar, Relph passa pelo sentido fenomenológico do lugar, sua essência, centrado no espaço existencial, chegando à discussão da identidade. Isso é enfrentado diretamente no quarto capítulo, "On the identity of places" (Sobre a identidade dos lugares).

O objetivo de Relph ao discutir a identidade dos lugares é entender a forma como nossa experiência dos lugares ocorre e seus componentes. Ele identifica pelo menos três componentes do nosso envolvimento com os lugares: a configuração física, as atividades e os significados (RELPH, 1976, p.47). No entanto, os sentidos podem mudar ou serem transferidos para outros objetos. Além disso, os três componentes são compostos, não monolíticos. Segundo Relph, a configuração física envolve tanto a natureza (Terra) quanto o ambiente construído, enquanto as atividades podem ser criativas ou destrutivas ou passivas, coletivas ou individuais. E os significados possuem atribuições e significantes muito distintos e mutantes.

A saída de Relph é propor uma sistematização das possibilidades de envolvimento com os lugares derivados dos tipos de relação estabelecida, na relação e combinação destes três elementos. Assim ele propõe os conceitos de **interioridade** (*insideness*) e **exterioridade** (*outsideness*), que são advérbios de modo de estar dentro ou de estar fora dos lugares. Para Relph (1976, p.49), esta é a essência da experiência dos lugares. "To be inside a place is to belong to it and to identify with it, and the more profoundly inside you are the stronger is this identity with the place."

Partindo dos níveis de assimilação de culturas propostos pelos antropólogos, a partir de Berger, Relph propõe tipos de interioridade e de exterioridade, os quais seriam possibilidades de envolvimento com o lugar (Figura 01). Sobre os primeiros, afirma:

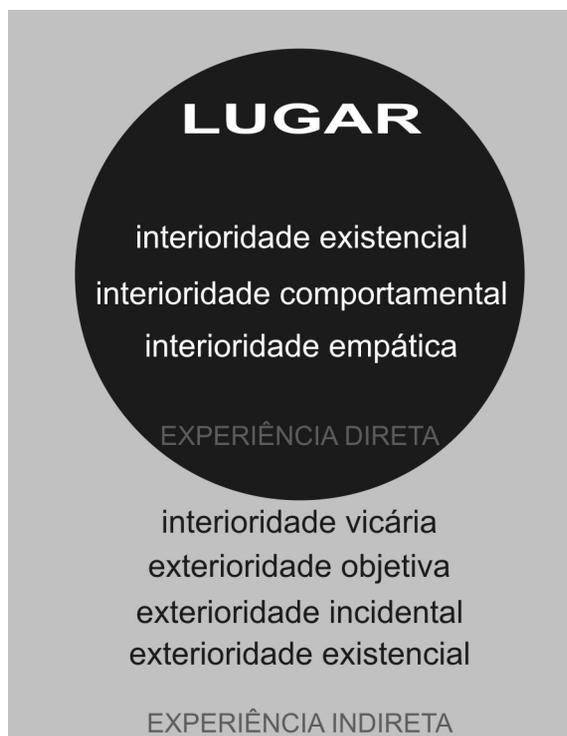
Embora esta classificação esteja em um contexto especificamente metodológico, ela sugere a possibilidade de semelhantes quebras de interioridade em lugares. Portanto, há uma interioridade comportamental – ou presença física em um lugar; interioridade empática que envolve participação emocional e envolvimento com um lugar; e interioridade existencial ou compromisso completo e não consciente com um lugar. (RELPH, 1976, p.50)<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Tradução do original: "Although this classification has a specifically methodological context it does suggest the possibility of similar breakdowns of insideness in places. Thus there is behavioral insideness – or physical presence in a place; empathetic insideness which involves emotional participation in and involvement with a place; and existential insideness, or complete and unself-conscious commitment to a place."

Relph oscila assim entre a intencionalidade e a semi-consciência, a experiência direta e a indireta. A interioridade existencial é aquela que envolve um sentimento de apego ao lugar e é tão orgânica que não precisa se tornar consciente para ser efetiva. Já a interioridade comportamental se refere a um envolvimento funcional com o lugar. Busca familiarizar-se com seus objetos e atividades, mas de forma objetiva. Por fim, a interioridade empática, envolve estar aberto a um envolvimento profundo com o lugar, a partir da empatia e de um interesse sincero.

Estas são as formas de interioridade diretas. Relph fala de formas de envolvimento com o lugar que não são diretas ou menos imediatas:

[...] interioridade vicária se refere à experiência de lugares através de romances, novelas e outras mídias; pela exterioridade incidental os lugares são apenas cenários para outras atividades; pela perspectiva da exterioridade objetiva os lugares são tratados como conceitos e locais, e a exterioridade existencial envolve uma profunda alienação de todos os lugares. (RELPH, 1976, p.50)<sup>4</sup>



**Figura 1 - Formas de envolvimento com/no lugar por interioridades e exterioridades**

Fonte: Elaboração própria, baseada nos conceitos de Relph (1976).

<sup>4</sup> Tradução do original: “[...] vicarious insideness refers to the experience of places through novels and other media; through incidental outsidersness places are merely backgrounds for other activities; from the perspective of objective outsidersness places are treated as concepts and locations; and existential outsidersness involves a profound alienation from all places.”

Esta interioridade vicária é aquela de segunda mão (por substituição). O nome é referência ao forte imaginário e imagem que pinturas, literatura ou mesmo a moderna mídia produzem, permitindo nos envolver por meio da comunicação criativa (SEAMON, 1996).

A exterioridade incidental é quando lugar é apenas o cenário para atividades simples, mantendo-se pouco diferenciado. A exterioridade objetiva é outra forma de relação indireta que envolve uma atitude deliberada desapaixonada de separação do lugar, como o olhar do cientista, do planejador ou de qualquer um que considere o lugar de forma estritamente objetiva sem envolvimento. Por fim, a exterioridade existencial é aquela situação em que a pessoa se sente fora do lugar. Isso pode ser por alienação, por topofobia ou pelos atributos físicos, mas o importante é que são situações não intencionais.

Relph toma a identidade enquanto sentido de estar dentro e estar fora, de pertencer e de não pertencer. O autor não parte do entendimento metafísico de que pertencer é pertencer a, mas de que **pertencer é ser**. Esta concepção é derivada da noção de identidade de Heidegger. Relph inicia a página 45 expondo a problemática central do texto "Identidade e diferença", originalmente publicado em 1957 (HEIDEGGER, 1999).

Para Heidegger (1999, p.174), identidade não é sinônimo de "o mesmo". Para ele, identidade implica a identidade consigo mesmo, pois "[...] a unidade da identidade constitui um traço fundamental no seio do ser do ente." Esse entendimento é importante para que as coisas possam continuar sendo elas diferentemente umas das outras, e por isso a identidade fala primeiro dela mesma.

Em seguida, Heidegger avança em direção ao cerne da questão, qual seja: a mesmidade como comum-pertencer. Esta expressão indica um duplo movimento de ênfase que está posto quando pensamos a identidade dos lugares. De um lado, afirma Heidegger (1999, p.175), "O ser é determinado a partir de uma identidade, como um traço desta identidade." De outro, "Se pensarmos o *comum-pertencer* como de costume [a partir da metafísica], então, como já mostra a ênfase dada à primeira parte da expressão, o sentido do pertencer é determinado a partir da comunidade, quer dizer, a partir de sua unidade." (HEIDEGGER, 1999, p.176). No primeiro caso (*comum-pertencer*), o pertencer é que determina a comunidade que lhe é própria, enquanto no segundo caso (*comum-pertencer*), o sentido da identidade é a integração a uma comunidade, a inserção em uma ordem, ligada a um *nexus*.

Relph buscou nesta concepção dinâmica do comum-pertencer de Heidegger o movimento necessário para evocar a condição não estática da identidade e do ser. Interioridade e exterioridade são utilizadas para negar a pressuposição metafísica na qual o ser é determinado por uma identidade. Nega também, por outro lado, a concepção de Parmênides segundo a qual a identidade é um traço do ser. Ele caminha, portanto, em direção à mesmidade ser e pensar, ou seja, o entendimento de que a identidade faz parte do ser de forma dinâmica, de forma ambidirecional, incluindo regresso e progresso de forma não linear e em constante movimento.

Essa é uma das contribuições mais importantes da obra de Relph (SEAMON; SOWERS, 2008), pois permite pensar tanto a identidade com os lugares quanto a identidade dos lugares, sendo o discernimento heideggeriano fundamental para esse esclarecimento ontológico.

## AUTENTICIDADE DOS LUGARES

O passo seguinte de Relph foi pensar a autenticidade na construção dos lugares, tema do quinto capítulo de seu livro: "A sense of place and authentic place-making" (Um sentido de lugar e uma autêntica constituição de lugar). Partindo dos entendimentos estabelecidos no capítulo anterior, a identidade é compreendida como diferenciando os lugares, de um lado, e dando-lhes unidade interna, de outro. Além disso, a associação entre a existência e a identidade pessoal está amarrada ao senso de lugar e à sua constituição (RELPH, 1976, p.62). Mas como diferenciar os processos de produção autênticos dos inautênticos? Que seria um lugar inautêntico, e um autêntico?

Relph recorre à filosofia e encontra novamente base ontológica em Heidegger. Após lembrar a associação entre sinceridade e autenticidade, feita por Lionel Trilling, ele se remete ao conceito de *Dasein*, base da ontologia de Heidegger (2002), o qual reconhece a liberdade e a responsabilidade do homem sobre sua própria existência. "Considera-se que as possibilidades de um homem são dele mesmo, pois ele se apresenta diretamente para o mundo, e em uma existência autêntica, uma pessoa vive sua vida em plena consciência dessa relação básica e inevitável." (RELPH, 1976, p.64)<sup>5</sup>

O *Dasein*, para Heidegger (2002), expressa a relação do homem com o ser, onde ele se encontra "à soleira", zelando, cuidando. Este se refere à existência fática, o modo original de existência (MacDOWELL, 1993). *Dasein*, ser-aí, ou pre-sença, refere-se à forma de ser do homem, que é circunstancial. Na sua famosa *Carta sobre o humanismo*, Heidegger (1991) coloca esta existência própria do homem em termos de *ex*-sistência, no sentido de diferenciar o homem enquanto pastor do ser das demais formas de existências. Isso significa que o cuidado e o pensar intencional são traços ontológicos do ser e daquilo que faz do homem homem.

Neste sentido, a existência autêntica está associada tanto a assumir responsabilidades diante de sua própria existência quanto envolver-se, de forma inconsciente, no seu mundo coletivo imediato, a mundanidade (HEIDEGGER, 2002). Relph afirma uma postura anti-reflexiva, no sentido discutido por alguns sociólogos contemporâneos que apontam para a alta ou excessiva reflexividade do mundo atual (BECK; GIDDENS; SLASH, 1997). A autenticidade defendida por Relph (1976, p.64) se refere a uma atitude "[...] experiência direta e genuína de todo o complexo da identidade dos lugares – nem mediada e distorcida por uma série de formas sociais e intelectuais bastante arbitrárias de como essa experiência deveria ser, nem seguindo convenções estereotipadas."<sup>6</sup>

Que seria então a pessoa inautêntica? Seria aquela que "[...] transfere responsabilidade a grandes e nebulosas forças imutáveis, pelas quais ele não pode ser acusado e a respeito das quais ele nada pode fazer." (RELPH, 1976, p.64)<sup>7</sup>. Em outras palavras, aquele que não assumiu sua função como pastor do ser, zelando pelo seu cuidado no *Dasein*, na simplicidade do ser-aí. A inautenticidade, portanto, se refere a

<sup>5</sup> Tradução do original: "It is held that a man's possibilities are his own, for he is directly present to the world, and in authentic existence a person lives his or her life in full awareness of this basic and inescapable relationship".

<sup>6</sup> Tradução do original: "[...] direct and genuine experience of the entire complex of the identity of places – not mediated and distorted through a series of quite arbitrary social and intellectual fashions about how that experience should be, nor following stereotyped conventions."

<sup>7</sup> Tradução do original: "[...] transfers responsibility to large, nebulous, unchangeable forces, for which He cannot be blamed and about which He can do nothing".

"[...] uma atitude que é fechada para o mundo e para as possibilidades do homem." (RELPH, 1976, p.80)<sup>8</sup>, limitando as possibilidades de ser a formas pré-definidas de experiências.

Em termos de lugares, Relph está pensando naqueles produzidos para o turismo, resultado de grandes intervenções urbanas que vêm com alta carga de exterioridade, distritos de entretenimento, paisagens estereotipadas (disneyficação, museficação), padronização e uniformidade, estrapolação escalar, destruição de lugares e excessiva instabilidade dos lugares. Nestes casos, não são relações orgânicas de historicidade e de geograficidade que constroem os lugares, estando ausentes qualquer processo de identificação com o ser: a identidade é apenas a mesma com o próprio lugar, enquanto padrão ou repetição, não com um pensar vivido e experienciado que lhe confere uma diferenciação. Com a atual mundialização, estes processos de produção de lugares inautênticos, se acentua, dada a possibilidade de comunicação e imposição de padrões e de ideais estéticos e funcionais mundo afora.

Para alcançar a experiência autêntica dos lugares, portanto, é necessário a interioridade existencial. Esta é enfraquecida pelos lugares-sem-lugaridade, lugares com pouca profundidade e transitórios. Estes, segundo Relph, são constantemente remodelados e transformados a cada movimento econômico, reordenando os atributos físicos, simbólicos e as atividades ali desenvolvidas, tornando as identidades dos e com os lugares mais fluidas, menos permanentes, e por isso, inautênticas. A ausência do cuidado e da responsabilidade dificultam a existência, tornando estes lugares presas fáceis para a massificação e padronização.

## LUGAR E EXISTÊNCIA

A força do argumento de *Place and placelessness* está para além do contexto que estava analisando. Ao construir seus argumentos na ontologia fundamental de Heidegger, estabelece um diálogo contínuo com as transformações contemporâneas, mesmo que não estivessem plenamente desenhadas naquele momento.

Mesmo não sendo uma obra heideggeriana, é o pensamento de Heidegger que permite edificar dois dos conceitos ou conjunto de noções fundamentais do argumento central de *Place and placelessness*: a identidade dos lugares e sua autenticidade/inautenticidade.

Essas concepções, no entanto, soam um pouco deslocadas para alguns, que acreditam viverem num mundo onde a única construção de lugares possível é aquela inautêntica dos lugares-sem-lugaridade. Tais críticos apontaram um sentido "nostálgico" nas leituras fenomenológicas do lugar, como uma busca das origens (MASSEY, 1994; 2008). Para esses, pensar em experiência existencial, tal como proposta por Relph, semi-consciente e orgânica, não é possível na sociedade informacional e mundializada em que vivemos. Será?

Se de um lado há um forte movimento de produção de lugares inautênticos, é preciso prestar atenção aos silêncios e aos esquecimentos. Todo o barulho que chama atenção para cada novo lugar-sem-lugaridade abafa e esconde muitos lugares autenticamente vividos. Cabe aos geógrafos, tal como propõe Relph (1976), buscar entender estes processos e buscar a promoção de uma existência autêntica, ou existência.

<sup>8</sup> Tradução do original: "[...] an attitude which is closed to the world and to man's possibilities".

O próprio Relph (2010), no prefácio de uma reedição recente de *Place and placelessness*, reconhece o mérito do sentido global de lugar, visto enquanto nó de redes, mas lembra que esta constatação não elimina o sentido fenomenológico de lugar.

Lugar é fundamentalmente um fenômeno da experiência cotidiana e, portanto, precede todas as interpretações e os conceitos acadêmicos. Isso não pode ser esquecido ou deixado de lado por razões ideológicas. A fenomenologia é uma abordagem que reconhece e tem como objetivo esclarecer a complexidade desta experiência sem reduzi-la a algum modelo ou a uma média estatística. Além disso, é claro que, fenomenologicamente, o lugar sempre se apresenta como simultaneamente alicerçado em contextos específicos e em um aspecto da abertura do mundo. A casa e o lugar são os locais de abertura sem limites. (RELPH, 2010, p.X)<sup>9</sup>

Entender o lugar enquanto existencialmente vivido, no sentido heideggeriano, é um dos caminhos mais férteis que se têm avançado, nos últimos anos, na compreensão fenomenológica do lugar. Relph (2010) aponta as discussões sobre a corporeidade e corporificação do lugar como uma das contribuições recentes mais importantes nesta direção. Cita as contribuições de Casey (1993; 1997) e da topologia heideggeriana de Malpas (2007) como exemplos de filosofias que têm pensado o lugar como um aspecto do ser, que existe em relação com os lugares, sendo os próprios lugares.

Ao invés de uma concepção estática, ou nostálgica de nossa relação com os lugares, a perspectiva fenomenológica existencial compreende a dinâmica dos lugares enquanto dinâmicas do ser, que se desloca em sua consciência do mundo da vida, nos diferentes contextos em que está inserido: o lugar, a comunidade, o mundo. "O lugar, tanto como um conceito como um fenômeno da experiência, portanto, tem uma notável capacidade de fazer conexões entre a pessoa, a comunidade e a terra, entre o que é local e particular e o que é regional e mundial." (RELPH, 2010, p.X)<sup>10</sup>. Concebê-lo enquanto parte do mundo da vida, como dimensão da existência, faz toda a diferença em termos de sua potencialidade de compreensão da experiência contemporânea.

A ontologia fundamental de Heidegger se coloca, neste sentido, como importante para este empreendimento contemporâneo. A potência de seu pensamento, que atravessou o século XX, só nas últimas décadas tem sido pensado em termos espaciais, o que aponta para a necessidade de conhecer melhor a profundidade e as repercussões do pensamento heideggeriano para o mundo contemporâneo e para uma Geografia que busca a dimensão da experiência enraizada numa ontologia que inclua o cuidado e a autenticidade do ser-no-mundo como traços fundamentais. Abre-se, nesta senda, a possibilidade de uma outra ontologia geográfica, que recoloca os sentidos básicos da pesquisa e pensamento em Geografia em sua relação com o mundo (HOLZER, 2010).

<sup>9</sup> Tradução do original: "Place is fundamentally a phenomenon of everyday experience and thus precedes all academic concepts and interpretations. This cannot be assumed away or dismissed for ideological reasons. Phenomenology is an approach that acknowledges and aims to clarify the complexity of this experience without reducing it to some model or an average. Furthermore, it is clear that, phenomenologically, place always presents itself as simultaneously grounded in specific contexts and an aspect of the openness of the world. Home and place are sites of unbounded openness."

<sup>10</sup> Tradução do original: "Place, both as a concept and as phenomenon of experience, therefore has a remarkable capacity to make connections between self, community, and earth, between what is local and particular and what is regional and worldwide."

As experiências são estas possibilidades que na tendência de homogeneização da globalização e tentativa de fixação de padrões comportamentais e construtivos, as limitam e as tornam previsíveis e mediadas. Isso é feito substancialmente pelo controle da forma dos lugares, de sua construção e da manipulação das identidades pela estrutura física, as atividades e os significados que ali podem ser experienciados.

Por isso alertas contra a homogeneização são freqüentes hoje, embora não haja os desconfiados com os novos localismos e a ênfase na diferença. O que não pode ser perdido de vista é que discutir e problematizar a identidade e autenticidades dos lugares implica atenção às formas de padronização e homogeneização, que ao tentar eliminar a possibilidade da multiplicidade, atacam diretamente a própria condição humana.

A ideia de lugar continua sendo potente para pensar as possibilidades dos modos de ser, ou seja, a multiplicidade de maneiras de ser-e-estar-no-mundo (MARANDOLA JR., 2012b). O próprio Relph tem explorado tais potencialidades nos vários sentidos de lugar enquanto formas de existência (RELPH, 1985) ou nos vários sentidos que lhe foram atribuídos nos últimos 40 anos (RELPH, 2012). Ao contrário da nostalgia, lugar enquanto experiência e existência é vivo e pulsante, em sua autenticidade.

Se abirmos mão da autenticidade enquanto valor da identidade e da construção dos lugares, abriremos mão da possibilidade de outras formas de existência. E é por isso que manter-se alerta à posição de pastor do ser, assumindo a função do cuidado, continua sendo um dos legados mais fortes e perenes que Heidegger deixou para a nossa era da técnica.

Limitar as formas dos lugares, portanto, é limitar o próprio ser humano.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Paul C.; HELSCHER, Steven; TILL, Karen E. Place in context: rethinking humanist geographies. In: \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. (Ed.) **Textures of place: exploring humanist geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001. p.xiii-xxxiii.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. (trad. Magda Lopes) São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

BUTTNER, Anne; SEAMON, David (Ed.) **The human experience of space and place**. London: Croom Helm, 1980.

CASEY, Edward S. **Getting back into place: toward a renewed understanding of the place-world studies in continental thought**. Indiana: Indiana University Press, 1993. 432p.

\_\_\_\_\_. **The Fate of Place: a Philosophical History**. Berkeley: University of California Press, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. São Paulo: Moraes, 1991.

\_\_\_\_\_. Identidade e diferença. In: \_\_\_\_\_. **Os pensadores**. (trad. Ernildo Stein) São Paulo: Abril Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. (trad. Maria Sá Cavalcanti) Petrópolis: Vozes, 2002.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista – sua trajetória de 1950 a 1990**. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, p. 241-251, 2010.

MacDOWELL, João A. **A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger**: ensaio de caracterização do modo de pensar de Sein und Zeit. Rio de Janeiro: Loyola, 1993.

MALPAS, Jeff. **Heidegger's topology: being, place, world**. Cambridge: MIT Press, 2007.

MARANDOLA JR., Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, Rio Claro, v. 37, n.1, p. 81-94, 2012a.

\_\_\_\_\_. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia (Org.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012b. [no prelo]

MASSEY, Doreen. **Space, Place and Gender**. Cambridge: Polity Press, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pelo espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pilon, 1976.

\_\_\_\_\_. **Rational landscapes and humanistic geography**. London: Croom Helm, 1981.

\_\_\_\_\_. Geographical experiences and being-in-the-world: the phenomenological origins of geography. In: SEAMON, David; MUGERAUER, Robert (Ed.) **Dwelling, place & environment**: towards a phenomenology of person and world. New York: Columbia University Press, 1985. p.15-31.

\_\_\_\_\_. **A paisagem urbana moderna**. Lisboa: Edições 70, 1987.

\_\_\_\_\_. Preface to Reprint of *Place and placelessness*. In: \_\_\_\_\_. **Place and placelessness**. London: Pilon, 2010.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia (Org.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SEAMON, David. A Singular Impact: Edward Relph's *Place and Placelessness*. **Environmental and Architectural Phenomenology Newsletter**, v. 7, n.3, p.5-8, 1996.

\_\_\_\_\_.; SOWERS, Jacob. Place and Placelessness, Edward Relph. In: HUBBARD, P.; KITCHEN, R.; VALLENTINE, G. (Ed.) **Key Texts in Human Geography**. London: Sage, 2008. p.43-51.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (trad. Lívia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (trad. Lívia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983.

Recebido em março de 2015

Aceito em abril de 2015

